

Construindo Maria Augusta Rui Barbosa através das metodologias de Jeremy F. Walton, Walter Benjamin e Otávio José Lemos Costa

Gabriela Lúcio de Sousa

Doutoranda em Museologia e Patrimônio - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

 <https://orcid.org/0000-0001-8214-7003>
E-mail: gabriela.lucio@gmail.com

Márcio Ferreira Rangel

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

 <https://orcid.org/0000-0002-8208-3115>
E-mail: marciorangel@mast.br

Aparecida Marina de Souza Rangel

Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

 <https://orcid.org/0000-0002-5636-4343>
E-mail: cida@rb.gov.br

Resumo: O artigo se propõe a revisitar a trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa (1855 – 1948), através de relatos e vestígios encontrados no acervo do MCRB sobre ela. Para tanto, será utilizado o método da escrita constelacional proposto por Jeremy F. Walton, com embasamento teórico da publicação *Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares*, de Otávio José Lemos Costa. Como resultado, espera-se que, com a aplicação desta proposta metodológica, seja possível elaborar percursos biográficos daquelas/es que não tiveram sua trajetória evidenciada.

Palavras-chave: Maria Augusta Rui Barbosa; escrita constelacional; memória; trajetória; simbólico dos lugares.

Building Maria Augusta Rui Barbosa through Constellation Writing and the symbolic of places

Abstract: The article proposes the construction of a trajectory of Maria Augusta Rui Barbosa through reports and traces found about her. For this purpose, the method of constellation writing, proposed by Jeremy F. Walton, will be used, based on the theoretical publication *Memory and Landscape: in search of the symbolic of places* by Otávio José Lemos Costa. As a result, it is expected that, with the application of this methodological proposal, it will be possible to elaborate biographical paths of those who did not have their trajectory evidenced.

Keywords: Maria Augusta Rui Barbosa; Constellational Writing; Memory; Trajectory.

Texto recebido em: 20/01/2024

Texto aprovado em: 14/06/2024

Introdução

Esse artigo é um desdobramento de uma pesquisa de doutorado¹ – ainda em desenvolvimento – cujos interesses são analisar as possibilidades técnicas, narrativas e metodológicas que possam fundamentar a proposição de criação da Coleção Maria Augusta Rui Barbosa no âmbito do acervo museológico do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB), além de propor uma “Coleção Maria Augusta Rui Barbosa” a partir dos estudos sobre o acervo do MCRB, produzir uma metodologia de constituição de coleções de mulheres (a partir da proposta de um sistema de objetos feministas cunhada por Alison Bartlett e Margaret Henderson) bem como atribuir maior visibilidade à sua trajetória e discutir a questão do gênero nas coleções do MCRB.

Os textos a serem utilizados para o desenvolvimento da argumentação que se seguirá são: *Graphic Designs: On constellational writing, or a Benjaminian response to Ingold's critique of Ethnography*, de autoria de Dr. Jeremy F. Walton, e *Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares*, do dr. Otávio José Lemos Costa. Ressalta-se que Maria Augusta Rui Barbosa (1855-1948) já foi estudada no âmbito de mestrado², graduação³ e através de bolsa de pesquisa⁴ do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB). Sendo assim, a investigação parte de investigações anteriores e ainda em curso. A trajetória anteriormente citada afirma a potência do tema e do itinerário de pesquisa já realizado.

É válido comentar que, no contexto do MCRB, existe uma invisibilização dos personagens que compuseram o círculo residencial do museu-casa. Eles tendem a ser apagados quando a casa deixa de ser casa e inicia-se a fase de museu, como o que ocorreu com a família de Rui Barbosa, composta por sua esposa Maria Augusta e seus cinco filhos: Maria Adélia Rui Barbosa, Alfredo Rui Barbosa, Francisca Rui Barbosa, João Rui Barbosa e Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra – e os empregados.

Tal abordagem cria uma aparente imagem de vazio social, como se o patrono ali habitasse em solidão o espaço. A exclusão das relações é muito comum nestes ambientes e, ainda que seja possível perceber uma busca por outros vínculos, o patrono se destaca e todos os outros moradores orbitam como coadjuvantes em torno dele. Vale ressaltar ainda que o apagamento das figuras femininas é ainda

mais acentuado. São geralmente entendidas e tratadas como acessórios de seus maridos.

A partir dessa compreensão, busca-se reivindicar o local de Maria Augusta Rui Barbosa na constituição desse ambiente e destacar sua trajetória por meio do que tem sido possível coletar sobre ela no acervo da instituição, valorizando os vestígios e traçando, a partir deles, um contexto inicial de sua presença e atuação.

Revisitando a trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa: contextos iniciais

A personagem em questão, Maria Augusta Rui Barbosa, que adquiriu este nome após o casamento com o polímata Rui Barbosa (1849-1923), foi figura importante na constituição do museu que leva o nome do marido e na composição de seu acervo, porém sua trajetória de vida tem sido constantemente colocada à margem, e, por isso, poucas informações sobre ela estão disponíveis ao público, tornando praticamente inviável a construção de uma trajetória linear sobre sua vida. Ademais, o que se sabe sobre ela está intrinsecamente conectado à construção do MCRB, sendo impraticável separá-los. Portanto, o MCRB continuará a ser referenciado, posto que ele é compreendido como um relevante projeto de vida de Maria Augusta e é importante retomá-lo aqui para a compreensão de sua própria trajetória.

A casa onde atualmente está o museu foi comprada em 1924 pelo governo federal. Já o museu foi criado por meio do Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927, que “crea o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento”, sendo ele inaugurado em 13 de agosto de 1930, com a presença de Maria Augusta, do então presidente Washington Luís e outros convidados. A residência possui, em sua fachada, o escrito *Villa Maria Augusta*, em tinta branca: nome que Rui Barbosa escolheu em homenagem à esposa.

O MCRB é uma divisão da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), instituição federal vinculada ao Ministério da Cultura. O Art. 4º da Lei ordinária nº 4.943, de 6 de abril de 1966, que transforma em Fundação a atual Casa de Rui Barbosa e dá outras providências, reitera a missão de comunicação e reverência à memória pública e privada de Rui Barbosa, sendo essas memórias fruto do esforço de Maria Augusta para a formação do MCRB. Pode-se citar como exemplo de sua proeminência na criação do museu o seu interesse em tornar a residência um bem

público, o que ocorreu por meio da venda conjunta da casa, mobiliários e biblioteca para o governo federal, desconsiderando, assim, ofertas mais vantajosas financeiramente, como a apresentada pela Embaixada da Inglaterra e pelo Jockey Clube de Buenos Aires, que se interessaram por partes específicas da propriedade – a casa e a biblioteca, respectivamente. Com essa venda, ela recusa um capital financeiro em favor de um capital simbólico. Nesse sentido, sua estratégia foi a preservação da memória familiar.



Fonte: Marcia Pinheiro Ferreira, 2011.

4

FIGURA 1

Fachada sul do Museu Casa de Rui Barbosa onde se vê, acima das janelas, a inscrição *Villa Maria Augusta*

As pesquisas sobre Maria Augusta vêm sendo realizadas, sistematicamente, há mais de seis anos pela equipe e por pesquisadores relacionados ao MCRB. Por meio das investigações, pôde-se confirmar e descobrir algumas informações sobre ela. Para além de seu papel relacional, como tem sido apresentada em diferentes contextos institucionais – e objetivando uma descrição biográfica sobre esta personagem – afirma-se que era filha de Alfredo Ferreira Bandeira e Maria Luísa Viana, esposa do advogado e senador Rui Barbosa. Maria Augusta e Rui foram casados por 46 anos e tiveram cinco filhos: Maria Adélia Rui Barbosa (Dedélia), Alfredo Rui Barbosa, Francisca Rui Barbosa, João Rui Barbosa e Maria Luísa Vitória Rui Barbosa (Baby).

Faleceu aos 92 anos, vivendo os últimos vinte e cinco sem a presença de seu marido. Antes do casamento, não possuía fundos financeiros. Seu pai era funcionário público, e sua família figurava na aristocracia baiana (Magalhães,

2013). Destaca-se que, mesmo figurando em uma família tradicional e aristocrática, pode-se dizer que os membros eram divididos em dois segmentos: um que possuía reserva financeira e carregava a tradicionalidade e outro que apenas possuía a força do nome. Maria Augusta estava no segundo segmento. Sua origem e educação foi fundamental para o desenvolvimento social de Rui Barbosa, posto que, segundo João Felipe Ferreira Gonçalves:

Sem sua educação aristocrática e sua reconhecida performance como senhora e anfitriã de 'alta sociedade', Rui não teria podido sustentar um salão e mesmo uma vida mundana respeitável para as rígidas exigências de seus círculos. Cumpre aqui lembrar que 'Cota' (como a chamava intimamente) desde jovem era reconhecida na Bahia por sua elegância, mantida a despeito da notória decadência econômica de sua antiga e aristocrática família, os Viana Bandeira (Gonçalves, 1990, p. 43).

Como escrever sobre algo sem fontes primárias? E quem, de fato, é esta mulher?

A questão acima é norteadora para as ponderações descritas no artigo de Jeremy F. Walton (2021) que nos serve de referência: *Graphic Designs: On constellational writing, or a Benjaminian response to Ingold's critique of Ethnography*. A provável resposta, tomando-o como base, seria a criação de uma constelação de eventos e experiências conectadas por meio de seu contexto histórico compartilhado. Pode-se, assim, criar um senso de continuidade e coerência que transcende a progressão linear do tempo. Ademais, a antropologia processual está aberta a múltiplos fins e permite a possibilidade de correspondência contínua e devir mútuo.

Nesse sentido, é válido comentar brevemente as questões de Walton na produção de seu artigo. O autor debruça-se sobre a argumentação etnográfica de Tim Ingold, posto que ele “critica a maneira pela qual a etnografia obscurece a lacuna entre a pesquisa e a escrita, tornando a primeira uma condição da segunda, e não para ela” (Walton, 2021, p. 54. Tradução dos autores).

De acordo com Ingold (2014), em seu artigo *That's enough about ethnography!*, a etnografia escreve sobre as pessoas (p. 385. Tradução dos autores), e é o antropólogo que executa este processo de pesquisa-escrita. Para Walton, entretanto, Ingold não completou suas críticas à etnografia, faltando um contexto

sobre a *coisa* que o antropólogo irá escrever – já que a etnografia não contempla todas as questões. Surge então uma urgência de criar uma forma de escrita; e a crítica de Walter Benjamin (1969) à historiografia, produzida em seu livro *Illuminations: essays and reflections* e amplamente citada por Walton em seu artigo, provoca e inspira o desenvolvimento de novas formas de escrita que vão além das distorções temporais inerentes à escrita etnográfica e histórica tradicional. A historiografia tradicional é baseada em uma visão linear e teleológica da história que assume um passado fixo e conhecível. Benjamin critica essa abordagem e argumenta que ela falha ao explicar as maneiras através das quais o passado se apresenta.

É válido ressaltar que um dos tópicos fundamentais que viabilizam a construção da trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa é a biografia cultural dos objetos (Kopytoff, 2008), já que ela é comumente estudada através dos itens que lhe pertenceram e hoje estão no MCRB. Este tópico é consideravelmente abordado no artigo de Walton. Inicialmente, o autor argumenta que os objetos têm uma "historicidade material", incluindo, assim, cicatrizes, vestígios e pátinas (Walton, 2021, p. 7). Dessa forma, os objetos têm uma biografia cultural que reflete seu contexto histórico e as formas como foram utilizados. Essas cicatrizes, vestígios e pátinas são as principais fontes de pesquisa com as quais trabalhamos na construção biográfica de Maria Augusta, posto que, nada escrito por Maria Augusta foi localizado até o momento.

Em seu artigo, Walton introduz o conceito de "historicidade texturizada", que enfatiza o encontro distinto e corporificado entre sujeitos no presente e objetos que transmitem o passado no presente. Texturas como rugosidade, aspereza, suavidade, porosidade e variação emergem no local e na superfície desse encontro. Sugere-se que os objetos possuem uma rica biografia cultural que reflete seu contexto histórico e seu uso ao longo do tempo. Ao abordar objetos como ideias em vez de apenas artefatos materiais, podemos obter uma compreensão mais profunda de sua importância e significado em diferentes contextos. Ademais, o objeto, enquanto um bem material, expande-se a partir da sua imaterialidade. Por meio da sua biografia, chegamos a outros caminhos, repletos de simbologia e possibilidades discursivas. A materialidade é uma forma de estar fisicamente no mundo, mas podemos também acessá-lo de outras formas, a partir das questões que apresentamos ao objeto.

A proposta do autor, por fim, baseia-se na abordagem dialética da escrita que enfatiza a interação entre passado e presente, sujeito e objeto, contexto e texto, sendo constantemente reinterpretados e recontextualizados um método contraetnográfico e uma prática de escrita. A escrita constelacional, portanto, pode ser usada para explorar as complexas camadas históricas de um determinado local ou objeto, fundamentando, assim, uma escrita gráfica.

O simbólico dos lugares, o lugar do simbólico

Costa (2008), em *Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares*, aprofunda os estudos sobre a temática do patrimônio cultural, destacando a simbologia que caracteriza algumas paisagens. O caráter simbólico de um lugar, segundo o autor, revela-se ao homem como algo anterior à linguagem e à inferência, apresentando aspectos da realidade. A mediação simbólica permeia as atitudes pessoais relacionadas ao lugar emocional do encontro. O patrimônio reflete estas condições, apresentadas ora pelo seu caráter monumental, ora pela condenação das formas mais simples de arquitetura doméstica que compõem a paisagem, descrevendo-a como um local de relações sociais que protege pessoas e modos. Estabelece-se assim uma ligação entre memória e lugar, sendo que memória e lugar partilham algumas características distintas: a dimensão da memória e o sentido do lugar.

Ainda segundo Costa, os símbolos são representados através das referências primárias de seus habitantes, e suas relações cotidianas formam uma paisagem simbólica da memória. Assim, os símbolos da paisagem são de grande importância na preservação da memória coletiva e na valorização do patrimônio cultural, e, por meio do patrimônio, é possível compreender a identidade e a diversidade cultural de uma sociedade e sua relação com o meio ambiente e outras culturas, além de ser ferramenta para educação, turismo e desenvolvimento econômico sustentável. Em suma, a proteção do patrimônio cultural é essencial para garantir a continuidade da memória coletiva e promover a valorização da cultura. Por meio dela, reconhece-se que os símbolos das paisagens são importantes para evocar sentimentos e emoções que transcendem a linguagem e o raciocínio retórico.

Ademais, através dos itens de Maria Augusta Rui Barbosa que estão na coleção museológica do MCRB, entende-se que o conceito de biografia cultural dos

objetos pode ser relacionado à ideia de que os objetos culturais possuem histórias e percursos associados às culturas e sociedades em que foram produzidos e utilizados. Além disso, os lugares da memória “evocam fragmentos do passado que se cristalizam em um imaginário” (Costa, 2008, p. 11), e é através da desconstrução desse contexto referente ao lugar, no caso, o MCRB, que se construirá uma nova projeção de memória de Maria Augusta, reiterando o seu importante papel enquanto construtora, considerando que agora torna-se possível traçar um percurso de vida sem vinculação linear e constituído a partir da memória de um lugar: o Museu Casa de Rui Barbosa. Compreendidas as argumentações dos dois autores, será proposta, a seguir, uma possível escrita constelacional sobre essa personagem vinculando seu trajeto de vida ao simbólico do lugar, representado pelo MCRB.

Escrita constelacional a partir do simbólico do lugar: Maria Augusta Rui Barbosa

A partir dos conceitos anteriormente explicitados, foram selecionadas amostras de situações e momentos da vida de Maria Augusta Rui Barbosa. Para tanto, a seleção destes elementos seguiu alguns parâmetros: primeiramente, deu-se preferência por fragmentos de trajetória que pudessem ser ilustrados através de fotografias e com informações disponibilizadas em depoimentos de familiares ou advindos de fontes fundamentadas dentro do conjunto arquivístico da instituição. Assim, de um total de 164 imagens relacionadas a Maria Augusta disponíveis na Iconografia da FCRB, de 1.189 documentos que, de alguma forma, citam ela e dos 32 depoimentos disponíveis e consultados do Projeto Memória de Rui: 1975-1997, foi possível construir uma escrita constelacional a partir do simbólico dos lugares dos momentos que serão explicitados a seguir.

2016: É mais um dia de trabalho no MCRB. As equipes de conservação e de museologia debruçam-se sobre a possibilidade de estudar objetos específicos. Os conceitos contemporâneos de museologia entendem que um único objeto pode ser uma vasta fonte informacional. Por fim, os estudos contemporâneos avançam e a instituição disponibiliza uma bolsa de iniciação científica voltada ao estudo dos dois quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa em sua totalidade, isto é: a materialidade, a usuária, estudos espaciais de controle ambiental, conservação e projeto

expográfico. Um novo obstáculo, entretanto, é colocado: por que estudar objetos de Maria Augusta, sendo o museu dedicado a Rui Barbosa? A partir do desenvolvimento das análises sobre sua vida, ficou evidente a pertinência de estudá-la devido à sua relevância no contexto de criação do MCRB e na carreira social e política de Rui Barbosa. A pesquisa e sua relevância para o contexto histórico-social não apenas do museu, mas das mulheres envoltas na domesticidade, começava a se estabelecer. Maria Augusta já passava a ser vista como conselheira de Rui Barbosa, e os relatos familiares já a colocavam como uma personagem de considerável relevância na vida de seu marido.



Fonte: Iconografia FCRB, s/d.

FIGURA 2
Maria Augusta Rui Barbosa usando um *deshabillé*

1907: Era um domingo na casa da família Rui Barbosa, localizada na Rua São Clemente, 134, em Botafogo, cidade do Rio de Janeiro. Como em todos os domingos, segundo o que relatou ao projeto *Memória de Rui*, em depoimento de 1975, a filha mais nova do casal, Maria Luíza Vitória Rui Barbosa Guerra, conhecida como D. Baby, antes do almoço em família, Maria Augusta sentou-se ao piano, localizado na atual Sala Buenos Aires do museu, vestindo um dos

*deshabillés*⁵ que possuía e tocou “*Home, Sweet Home*”. Maria Augusta adorava tocar piano e o fazia todos os domingos. Naquele mesmo ano, a família ainda realizaria uma das atividades mais importantes para a carreira política de Rui Barbosa: o comparecimento como representante do Brasil na 2ª Conferência da Paz de Haia. Ressalta-se que Rui Barbosa quase recusou o convite, e só aceitou devido à insistência de Maria Augusta (Barbosa, 1968, p. 33).



Fonte: Hemeroteca Digital de Lisboa (Revista *Quinzenal Ilustrada*), 1908.

FIGURA 3

Maria Augusta Rui Barbosa, Rui Barbosa e Maria Luíza Vitória Rui Barbosa durante a 2ª Conferência da Paz de Haia, em 1907

1916: é um dia de festividade e recepção na Rua São Clemente, número 134, em Botafogo, cidade do Rio de Janeiro. A família Rui Barbosa irá receber a visita do então presidente da República Venceslau Brás. A visita não era mera casualidade, já que, em 14 de julho de 1916, Rui Barbosa foi convidado pelo governo da Argentina para ser embaixador extraordinário do Brasil em razão das comemorações da independência do país (Barbosa, 1981, p. 15). É sabido, através do já mencionado depoimento concedido por D. Baby, em 1975, ao Projeto *Memória*

de Rui: 1975-1917, que a família gostava de dar recepções nos salões da residência, em especial, na atual Sala Federação.

No lanche familiar, os alimentos servidos eram feitos em casa, mas, para as recepções públicas, as refeições eram encomendadas na prestigiada Confeitaria Paschoal, localizada à Rua do Ouvidor, número 126. As comidas comumente servidas eram sanduíches, biscoitos, docinhos finos, bombocados, fios de ovos, dentre outros. Já para beber, servia-se refrigerantes e chás. A predileção por chás sempre foi algo evidente na família, e, até o fim de sua vida, fosse na residência da Rua São Clemente, número 134, fosse na casa de Copacabana, na Raimundo Corrêa, número 77, Maria Augusta recebia com frequência sua família, às 16 horas, para “a hora do chá”.



Fonte: Iconografia FCRB, 1916.

FIGURA 4

Recepção para Venceslau Brás na casa da família Rui Barbosa, com Maria Augusta ao seu lado esquerdo e Rui Barbosa do lado direito

Entre 1890 e 1921: Era um dia comum na casa da família Rui Barbosa. Maria Augusta costumava sentar-se no banco do lado de fora da residência para esperar o seu marido chegar do trabalho e, conseqüentemente, conversar sobre os acontecimentos do dia. Rui Barbosa chegou e ambos iniciaram uma conversa. Maria Augusta, apelidada de Cota ou Cotinha pela família, notou que seu marido não estava bem. Iniciou-se então o seguinte diálogo:

MA: O que é que há Rui, por que você está tão triste?

RB: Porque, Cotinha, eu nem sei porque você se casou comigo. Eu sou pequenininho, não sou rapaz bonito, forte.

MA: Ora, não diga isso. Eu me apaixonei por você logo que eu te vi.

RB: Você gosta mesmo de mim?

MA: É claro que eu te adoro!

RB: Então, vou te contar uma coisa: eu estava no congresso e estava defendendo uma causa, um assunto muito importante, e era sempre interpelado por um dos senadores e tinha que sair do assunto para responder. Levava tempo cada vez que eu saía do assunto porque já distraía a conversa. Levava 10, 15 minutos.

MA: E você não respondeu a ele, não mostrou a ele?

RB: Mostrei, mas você sabe de uma coisa, Cotinha, se eu fosse um rapaz alto, forte e bonito eu dava um soco na cada dele! (Ruy Barbosa, 1979. *Apud.* Sousa, 2018, p. 25).



Fonte: Iconografia FCRB, 1918.

FIGURA 5

Maria Augusta e Rui Barbosa sentados no banco da sua residência em 1918. A foto ilustra um hábito comum do casal, mas não se refere ao episódio específico descrito acima

13 de agosto de 1930: Era uma quarta-feira na cidade do Rio de Janeiro. O dia amanheceu um pouco mais fresco do que o anterior. Segundo o Boletim da Diretoria de Meteorologia denominado “O Tempo”, presente no *Jornal do Commercio*, na data citada, o clima era considerado ligeiramente instável, com pequena probabilidade de chuva. Ademais, a temperatura também estaria em ligeiro declínio. Estava um pouco mais fresco que no dia anterior. Os ventos também estariam mais fortes. As máximas e mínimas do dia anterior variaram entre 25.9 °C e 17.8 °C, ou seja, esperava-se que o dia 13 de agosto de 1930 fosse ainda mais agradável, fresco, quase ligeiramente frio para o gosto carioca. O então presidente do Brasil, Washington Luís, dirigiu-se de carro até uma residência na Rua Raimundo Corrêa, no bairro de Copacabana. A rua fica entre a Avenida Nossa Senhora de Copacabana e a Rua 5 de Julho e ainda é bastante residencial a partir

do segundo quarteirão. No número 77 desta rua, vivia Maria Augusta. Washington Luís então buscou-a em sua casa e ambos foram de carro até o bairro de Botafogo, na Rua São Clemente, número 134, onde seria inaugurada a Casa Ruy Barbosa, atualmente Museu Casa de Rui Barbosa.



Fonte: Iconografia FCRB, 1918.

FIGURA 6

Maria Augusta Rui Barbosa e Washington Luís na abertura da então Casa Ruy Barbosa, atualmente Museu Casa de Rui Barbosa, em 1930

Segundo a matéria denominada “Casa Ruy Barbosa: sua inauguração solenne, hoje, à tarde” do *Jornal do Commercio*, a inauguração ocorreu às 16 horas. O relato promovido pelo jornal informa que a solenidade foi iniciada por Washington Luís, que estava em companhia de seus secretários de Estado, na Sala da Constituição⁴ do museu. O ato de inauguração foi realizado na escrivaninha onde Rui Barbosa escreveu a Carta Magna de 1891. O discurso inaugural foi feito pelo então senador João Mangabeira, seguido pelo genro de Rui Barbosa, Baptista Pereira. Maria Augusta e Washington Luís foram fotografados juntos neste dia (*Jornal do Commercio*, 1930). Ela usava um vestido preto de mangas longas com flores brancas, com uma semissaia e cinto com fivela⁵. Era a realização de um projeto de vida, e ela continuou a frequentar o MCRB até a sua morte, entendendo-o como um bem público, mas que não deixava de ser, de certa forma, a sua casa, sacramentando o seu nome e de seu marido na história.

Considerações finais

Remontar trajetórias baseadas em vestígios, relatos e informações não lineares é, costumeiramente, difícil. Por isso a possibilidade de existir um processo de escrita que permita a constituição de um curso quase biográfico e, em paralelo, embasar esse processo com estudos que entendam que lugares possuem simbólicos específicos, é de considerável relevância para estruturar quase um roteiro de vida daqueles que não tiveram suas histórias contadas.

As mulheres, de modo geral, possuem menos espaço na história oficial, e, por isso, essa possibilidade de escrita abre um leque de opções para a produção de trajetórias femininas. No caso de Maria Augusta Rui Barbosa, foi possível compartilhar episódios, evidenciar sua presença e participação em momentos históricos e coletivos importantes de sua vida e, assim, entender um pouco mais de sua vivência diária, sem estabelecer expectativas de produção linear, mas sim construindo um rumo particular.

NOTAS

- ¹. A pesquisa doutoral intitulada “A construção da Coleção Maria Augusta Rui Barbosa” está sendo realizada por Gabriela Lúcio de Sousa no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins), sob orientação de Márcio Ferreira Rangel e coorientação de Aparecida Marina de Souza Rangel, autores deste artigo.
- ². O acesso a dissertação denominada “Delineando trajetórias através da roupa: Maria Augusta Rui Barbosa” é realizado através do Repositório Institucional da UnB. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/45263>.
- ³. O acesso a dissertação denominada “Delineando trajetórias através da roupa: Maria Augusta Rui Barbosa” é realizado através do Repositório Institucional da UnB. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/45263>.
- ⁴. Cada sala do MCRB recebe o nome de um momento histórico de relevância na vida pessoal e profissional de Rui Barbosa. Apenas a Sala Maria Augusta – o antigo quarto de vestir dela – possui nome que se refere a Maria Augusta, e não a Rui Barbosa. Para mais informações sobre os cômodos, consultar o artigo *A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa*, de Álea dos Santos de Almeida e Aparecida Marina de Souza. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/145597> O acesso a monografia denominada “Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas” é realizado através do Pantheon da UFRJ. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/12299>.

- ⁵. Mais informações sobre o vestido podem ser obtidas na dissertação defendida em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCINF-UnB), disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/45263>.

APOIO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Álea dos Santos de; RANGEL, Aparecida Marina de Souza. A metodologia de pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-45, 2019.

BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa Dona Maria Augusta e sua filha Maria Adélia. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Retratos de família*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio Ed., 1968, p. 41-51.

BARBOSA, Rui. *Embaixada a Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.

BENJAMIN, Walter. *Illuminations: essays and reflections*. New York: Schocken Books, 1969.

CASA Ruy Barbosa: sua inauguração solenne, hoje, a' tarde. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/4653.

COSTA, Otavio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, p. 149-156, 2008.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Iconografia - Fundação Casa de Rui Barbosa*. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/>.

GONÇALVES, João Felipe Ferreira. *Vida, glória e morte de Rui Barbosa: a construção de um herói nacional*. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

HEMEROTECA DIGITAL DE LISBOA. *O conselheiro Ruy Barbosa, sua esposa e sua filha*. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1907_1908/N215/N215_item1/index.html.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography! *Journal of Ethnographic Theory*, Chicago, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ: EDUFF, 2008, p. 89-123.

MUSEU CASA DE RUI BARBOSA. *Projeto Memória de Rui - 1975-1997*. Organização de Adriana Valentim Beaklini, Aparecida Rangel e Márcia Pinheiro Ferreira. Rio de Janeiro:

Editora Fundação Casa de Rui Barbosa, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/pdfs/copy5_of_Projeto_Memoria_Rui_Final.pdf.

O TEMPO - Boletim da Directoria de Meterologia. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1930. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&Pesq=temperatura&pagfis=4654.

SOUSA, Gabriela Lúcio de. *Delineando trajetórias através da roupa: Maria Augusta Rui Barbosa*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SOUSA, Gabriela Lúcio de. *Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

WALTON, Jeremy F. Graphic designs: on constellational writing, or a Benjaminian response to Ingold's critique of anthropology. In: AHMAD, I. (ed.). *Anthropology and Ethnography are not equivalent*. New York: Berghahn Books, 2021, p. 54-70.

Gabriela Lúcio de Sousa é Doutoranda em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPG-PMUS-UNIRIO/MAST). Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (PPGCINF/UnB). Bacharela em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Editora-chefe da *Revista Desvio e Volunteer collaborator*. Produtora de conteúdo para as redes sociais sobre educação patrimonial na Association for Heritage Preservation of the Americas (APOYOnline).

Márcio Ferreira Rangel é Professor Adjunto da Escola de Museologia e Professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutor em História das Ciências (Memória Social) pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/COC). Bacharel em Museologia pela UNIRIO. Diretor (2022 - atual) e Pesquisador Titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins. Representante do MCTI no Sistema Brasileiro de Museus (2024 - atual).

Aparecida Marina de Souza Rangel é Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Memória Social e Documento e Bacharela em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Museóloga / Tecnologista da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Como citar:

SOUSA, Gabriela Lúcio de; RANGEL, Márcio Ferreira; RANGEL, Aparecida Marina de Souza. Construindo Maria Augusta Rui Barbosa através das metodologias de Jeremy F. Walton, Walter Benjamin e Otávio José Lemos Costa. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 20, n. 1, jan./jun. 2024. Disponível em: pem.assis.unesp.br.